

Questões Socioambientais na Dinâmica de Mobilidade Warao da Venezuela a Manaus-AM

Rosa Patrícia Viana Pinto Farias¹

RESUMO

O objetivo deste trabalho foi descrever os aspectos socioambientais que favoreceram o processo de mobilidade praticado pela etnia indígena venezuelana Warao, desde o delta do Orinoco, no nordeste da Venezuela até Manaus, capital do estado do Amazonas, na região norte do Brasil. A metodologia utilizada nesta pesquisa foi a do método dedutivo; quanto aos meios, a pesquisa utilizou-se de produções bibliográficas e documentais; quanto aos fins, a pesquisa foi qualitativa. A conclusão a que se chegou foi a de que o primeiro fator que impulsionou a saída de inúmeros Warao de suas milenares terras foram os impactos ambientais resultantes das intervenções governamentais e de empresas particulares. As consequências desses eventos romperam o âmbito ambiental e influenciaram questões sociais, econômicas e culturais percebidas nos Warao remanescentes em Manaus.

Palavras-chave: mobilidade warao; ambiente; Venezuela; Manaus.

¹ Doutoranda (Bolsista Capes) no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia (PPGCASA-UFAM). Professora da rede estadual de ensino (SEDUC-AM). ORCID: 0000-0002-4428-512X. E-mail: rosa.patricia.farias@gmail.com

A trajetória humana é marcada pelas dinâmicas de mobilidade. Em várias partes do mundo e em diversas épocas da história, indivíduos abandonaram seus países e buscaram outro lugar para satisfazer suas necessidades básicas e buscar melhores condições de vida, seja motivados por catástrofes naturais ou por males causados pelo próprio homem, como as crises sociais, econômicas e políticas.

Em 2014, milhares de indivíduos Warao - povo originário venezuelano que ocupa o Nordeste da Venezuela - juntaram-se a uma expressiva parcela da sociedade nacional que emigrou para outros países, motivados por uma crise generalizada. Essas pessoas adentraram o território brasileiro pelo estado de Roraima em grandes números, onde foram separados dos indivíduos não indígenas e alocados em abrigos nas cidades de Pacaraima e Boa Vista (capital do Estado). A partir do segundo semestre de 2016, centenas de Warao mudaram-se para Manaus, capital do estado do Amazonas, na região Norte do Brasil.

Na capital amazonense, grande parte desses indivíduos manteve o hábito de se estabelecer no próprio local por onde chegavam - no caso, o Terminal Rodoviário de Manaus, no bairro de Flores, na Zona Centro-Oeste da cidade. Sem dinheiro e moradia, passaram a dormir sobre pedaços de papelão e pedir dinheiro para sobreviver. Suas casas eram improvisadas com lonas, plásticos e outros materiais disponíveis. Ao passar pelo local, era comum ver pessoas cozinhando, limpando as moradias adaptadas ou cuidado da higiene - como o banho nas crianças em bacias improvisadas.

Os homens saíam para vender produtos nos semáforos do entorno do terminal rodoviário, enquanto as mulheres organizavam seus artesanatos em mesas improvisadas (chapéus, redes, vasos e bijuterias) para vendê-los aos transeuntes. Após alguns meses, com a contínua chegada de pessoas e a falta de espaço, alguns desses indivíduos optaram por viver embaixo do viaduto de Flores, que está localizado em frente ao terminal rodoviário.

Em 2017, através de políticas públicas criadas pelos poderes municipal e estadual e com o auxílio de agências internacionais, como o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) e entidades como a Cáritas Arquidiocesana de Manaus, os membros dessa etnia foram alocados em prédios adaptados para lhes assegurar cuidados de acolhimento, moradia, saúde e proteção. Com a pandemia da

Covid-19, em 2020 foram criados os abrigos do Tarumã I e Tarumã II, localizados no bairro Tarumã-Açu, na zona Oeste de Manaus, que começaram a receber membros dessa etnia advindos de outros espaços de acolhimento provisórios.

Muitas pessoas que viram as mulheres dessa etnia nas ruas de Manaus praticando a mendicância - invariavelmente com uma criança amarrada à sua cintura - podem não ter ideia de que vários fatores de ordem ambiental contribuíram, inicialmente, para o seu processo de mobilidade da Venezuela a Manaus. Essa etnia viveu de forma relativamente isolada até a década de 1960, quando seus territórios sofreram intervenções de cunho governamental e privado que os obrigaram a abandonar seu lar. A investida contra seu habitat (envolvendo a destruição de grande parte do ecossistema que os rodeava) ocorreu a conta-gotas e ao mesmo tempo de forma brutal, deixando como uma das opções mais viáveis de sobrevivência o abandono gradual de seus territórios ancestrais em direção aos grandes centros urbanos da Venezuela, no início do século XXI e posteriormente para países vizinhos, incluindo-se o Brasil. E, de forma intensa, para a região Norte do país, onde inúmeros deles vivem, estudam e trabalham, exercendo ocupações informais ou confeccionando artesanato, cuja matéria-prima é o buriti.

Tal temática, ao mesmo tempo complexa e multifacetada, exige a interface com outros campos do conhecimento, aproximando-se, no presente trabalho, às investigações interdisciplinares. Assim, a problemática que se levanta no presente estudo é observada nas seguintes perguntas: a) Como era a relação da etnia Warao com o meio ambiente no qual estava inserida? b) Quais fatores contribuíram para a mobilidade desse grupo? c) Quais as consequências socioambientais das intervenções praticadas em seu território?

O presente estudo se justifica, tendo em vista que esse aspecto da mobilidade Warao até Manaus é pouco estudado. Há diversos textos sobre essa etnia em solo brasileiro (artigos acadêmicos, pareceres, manuais) que abordam os aspectos antropológicos, sociais, históricos e até geográficos sobre sua marcha. Mas abordagens relacionando essa mobilidade às questões ambientais ainda são escassas. Desta forma, o objetivo desta pesquisa é descrever os motivos que favoreceram o processo de mobilidade praticado pela etnia indígena venezuelana Warao, desde o delta do Orinoco,

no nordeste da Venezuela até Manaus, capital do estado do Amazonas, na região norte do Brasil, bem como suas consequências nos aspectos socioambientais.

A RELAÇÃO WARAO-NATUREZA

Os Warao ocupam a região do delta do rio Orinoco há cerca de 8 mil anos. É o segundo povo indígena mais populoso da Venezuela, contabilizando aproximadamente 49.000 pessoas. O termo Warao traduz-se como "povo do barco", após a conexão íntima ao longo da vida dos Warao com a água. São pescadores e coletores, tornando-se também horticultores há pouco mais de 70 anos, cujas comunidades palafitas e atividades de subsistência se situam tradicionalmente nas zonas ribeirinhas (fluvial/marítimas) e úmidas, tais como os pântanos, os mangues e as partes inundadas do Delta, uma região onde se misturam águas salgada e doce, possuindo um ecossistema rico e produtivo para esse povo que vivia da caça, da pesca e coleta de produtos da floresta².

Em complementação à atividade de pesca, eles caçavam e coletavam itens vegetais, conforme o ciclo natural da região. Portanto, a pesca nos pastos e bosques alagadiços se realizava com as mãos e outros instrumentos, como estacas, arpões, cestas, arco e flecha, lanças e com o auxílio de cães. Suas casas são feitas sobre o rio, utilizando árvores da geografia local. Tais casas não possuem portas nem janelas, mas possuem paredes que devem resistir ao vento, ao sol e à chuva³.

Quanto à organização social, costumam formar unidades endogâmicas, com estrutura social relativamente igualitária, sendo a liderança em cada comunidade exercida por um homem mais velho, um Aidamo⁴. Nas comunidades Warao, há a divisão de tarefas de acordo com a idade e o sexo. As mulheres da comunidade são responsáveis pelo cultivo, coleta e preparação dos alimentos, fabricação de redes e cestas, além dos

² Alvaro García-Castro y Dieter Heinen, "Las Cuatro Culturas Warao", 2000, Tierra Firme, Revista arbitrada de Historia y Ciencias Sociales, Caracas: N 71, Tercer trimestre (Julio-septiembre).

³ Cecilia A. Lafée-Wilbert, & Werner Wilbert, La mujer Warao: de recolectora deltana a recolectora urbana (2008, No. 51), Instituto Caribe de Antropología y Sociología.

⁴ Brasil, Ministério Público Federal/Procuradoria Geral da República, Parecer Técnico/SEAP/6º CCR/PFDC nº 208/2017, de 14 de março de 2017, Sobre a situação dos indígenas da etnia Warao, da região do delta do Orinoco, nas cidades de Boa Vista e Pacaraima.

cuidados com os filhos pequenos e com os doentes. Já os homens constroem as casas e as canoas, preparam os terrenos para a agricultura, caçam e pescam⁵.

Nas tarefas diárias de subsistência em geral, pode-se dizer que os homens são basicamente pescadores, embora em menor grau também cacem. As mulheres, sempre rodeadas pelos filhos e juntamente com as demais crianças, coletam frutas e outros itens de subsistência da selva e durante essas incursões, às vezes podem ser acompanhadas por um homem, um familiar próximo, dedicado a procurar colmeias de mel silvestre⁶. Entre as tarefas dos grupos de trabalhos femininos está a tecelagem de redes e a trança de cestas e, ao se especializar em uma dessas tarefas, a mulher Warao é aplaudida e reconhecida por sua comunidade e por sua família e renderá honra às ancestrais por tê-la ensinado essas artes. O processo de coleta, preparo, cozimento e elaboração da fibra do buriti e do fio resultante está quase exclusivamente a cargo da mulher. Nesse processo de confecção artesanal, são retratadas a criatividade, a memória e a história do indivíduo, pois estas são resultado de sua relação com a natureza, com sua cultura, com sua espiritualidade⁷.

Na relação dos Warao com o meio ambiente que os rodeia, observa-se o conceito de *kincentric ecology*, que se refere a essa relação de familiaridade ancestral que os povos indígenas mantêm com a natureza, à ideia de que essas pessoas também são parte da complexidade de um ecossistema, e não apenas habitam nele⁸. Portanto, quando se estuda a organização da produção e as matérias-primas escolhidas pelos Warao, nota-se a conexão desse sistema de organização econômica e social com a *kincentric ecology*: a produção é orientada por aquilo que o ambiente em que essas pessoas vivem oferece, mantendo uma relação de unidade física e espiritual com a natureza⁹.

⁵ Cecilia Ayla Lafée y Werner Wilbert, *Hijas de la luna: enculturación femenina entre los Waraos*, Fundación La Salle de Ciencias Naturales, 2001, Instituto Caribe de Antropología y Sociología.

⁶ Alvaro García-Castro, "Los warao como desplazados urbanos en Venezuela y Brasil", *Revista EntreRios do Programa de Pós-Graduação em Antropologia*, 2020, v. 3, n. 02, p. 89-101.

⁷ Cecilia Ayla Lafée y Werner Wilbert, *Hijas de la luna: enculturación femenina entre los Waraos*, 2001, Fundación La Salle de Ciencias Naturales, Instituto Caribe de Antropología y Sociología.

⁸ Enrique Salmón, "Kincentric ecology: Indigenous perceptions of the human-nature relationship", *Ecological applications*, 2000, v. 10, n. 5, p. 1327-1332.

⁹ Ana Hilda Souza et al., "A relação dos indígenas com a natureza como contribuição à sustentabilidade ambiental: uma revisão da literatura". *Revista Destaques Acadêmicos*, Vol. 7, n. 2, 2015, 88-95.

O conceito também aborda o aspecto espiritual deste sentimento de proximidade e pertencimento como elemento essencial para a construção da relação com o ambiente em que essas pessoas vivem. Os Warao, assim como os demais povos originários, possuem uma relação pautada no cuidado e na preservação da natureza, uma vez que é ela que fornece alimento, materiais para confeccionar suas vestimentas, remédios para curar doenças materiais e espirituais e a matéria-prima para a confecção de objetos com características que refletem os usos, os costumes e as tradições de seu povo¹⁰.

Sobre esse aspecto destaca-se a figura da mulher, por sua experiência doméstica, a qual traria a aptidão necessária para a proteção do meio ambiente. Portanto, esta característica feminina de se relacionar com o outro pelo cuidado seria vista como modelo para a ressignificação das relações dos seres humanos entre si e entre as mulheres e a natureza¹¹. Toma-se aqui emprestado o exemplo das mulheres Sateré-Mawé, também possivelmente aplicável às mulheres Warao em que há uma mística feminina que transveste de significado a prática de trabalho artesanal, numa perspectiva de gênero¹².

Nos estudos de História Ambiental acredita-se na relação específica do homem com as plantas, bem como sua dependência em função destas para os mais diversos fins: alimento, remédio, material de construção e habitat de animais de caça. Elas têm sido aliadas dos humanos na luta pela sobrevivência e prosperidade. Assim, quando homem e plantas se encontram, nascem mais temas sobre história ambiental do que em qualquer outra circunstância¹³. Dentre os elementos oferecidos pela natureza, destaca-se o buriti (*mauritia flexuosa*), uma palmeira nativa das regiões central e norte da América do Sul e abundante nos canais do delta do Orinoco. Entre os Warao, é considerada a árvore da vida, utilizada em sua totalidade: eles se alimentam de suas frutas, do amido retirado de seu tronco (*yuruma*), de insetos e outros produtos

¹⁰ Cecilia A. Lafée-Wilbert, & Werner Wilbert, La mujer Warao: de recolectora deltana a recolectora urbana (2008, No. 51), Instituto Caribe de Antropología y Sociología.

¹¹ JAÍSE MARIEN FRAXE TAVARES, O ECOFEMINISMO NA AMAZÔNIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DA COMUNIDADE SÃO FRANCISCO DE ASSIS, CAREIRO DA VÁRZEA, AMAZONAS, BRASIL, EDUA, 2021.

¹² Iraildes Caldas Torres e Naia Maria Guerreiro Dias, "Entre teçumes, argila e grafismos: a expressão identitária de mulheres indígenas e não indígenas no artesanato amazônico", Tessituras (Revista de Antropologia e Arqueologia), Programa de Pós-Graduação em Antropologia (UFPEL), Pelotas, Rio Grande do Sul, v. 10, nº 2 (jul-dez), 2022, 177-197.

¹³ Donald Worster, "Para fazer História Ambiental", Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, Ed. da Fundação Getúlio Vargas, vol. 4. nº 8 (1991), 198-215.

secundários associados a ela, sendo fundamental para sua economia e cultura, ao fornecer matéria-prima para casas, embarcações e também alimento¹⁴.

Além disso, a confecção de artesanatos a partir da folha do buriti é um item que tem desempenhado o papel de perpetuador da cultura Warao em solo brasileiro, ao unir diferentes gerações de mulheres no processo de fabricação destes¹⁵. O saber da tecelagem e do manejo com o buriti passa de mãe para filha. A menina Warao, aos oito e nove anos, aprende com sua genitora e com outras mulheres da tribo a fazer redes e entrelaçar cestas sozinha. Em sua comunidade, o papel econômico da mulher é de coletora de alimentos, pois desde cedo aprende a identificar os frutos e as plantas úteis para os mais variados fins: os que comporiam sua dieta alimentícia, os que serviriam para roupas e os que seriam matéria-prima para a fabricação de objetos utilitários¹⁶.

Esse era o ciclo de vida nas comunidades Warao até a década de 1960, quando eventos diversos passaram a intervir em seu cotidiano. A partir de então, essa etnia - assim como tantas outras populações marginalizadas e vulneráveis - foi vitimizada, década após década, pela imposição desproporcional dos riscos ambientais aos menos dotados de recursos financeiros, políticos e informacionais¹⁷.

FATORES CAUSADORES DA MOBILIDADE WARAO

A mobilidade pode ser compreendida como um tipo de estratégia adotada por homens e mulheres para lidar com situações adversas ou até mesmo para se adaptarem a mudanças súbitas de seu contexto¹⁸. Assim, “a mobilidade humana é em geral um sintoma de grandes transições. Quando ela se intensifica, algo ocorreu ou está para ocorrer, ou melhor, algo está ocorrendo nos bastidores da história”¹⁹. Dentro desse contexto, existem as migrações causadas por razões ambientais, as quais não constituem um fenômeno recente, tendo sua incidência aumentado consideravelmente

¹⁴ Dieter H. Heinen y Kenneth Ruddle, "Ecology, ritual, and economic organization in the distribution of palm starch among the Warao of the Orinoco delta", *Journal of Anthropological Research*, 1974, v. 30, n. 2, p. 116-138.

¹⁵ Rosa Patrícia V. P. Farias, "A trajetória da mulher Warao do delta do Orinoco a Manaus: continuidades e rupturas, (Dissertação de mestrado no Programa de Pós-graduação Sociedade e Cultura na Amazônia - PPGSCA -UFAM, 2022)

¹⁶ Cecilia Ayla Lafée y Werner Wilbert, *Hijas de la luna: enculturación femenina entre los Waraos*, Fundación La Salle de Ciencias Naturales, 2001, Instituto Caribe de Antropología y Sociología.

¹⁷ Henri Acselrad, Cecilia Campello Amaral Mello e Gustavo das Neves Bezerra, "O que é justiça ambiental?", (Garamond, 2009).

¹⁸ Paulo Ingles. Globalização, mobilidade humana e criatividade: desafiando categorias a partir de três casos de migração forçada em Angola, In: Ana Maria Vasconcelos e Tuília Botega (orgs.), *Política Migratória e o paradoxo da globalização* (EDIPUCRS, 2015, Porto Alegre), Brasília: CSEM.

¹⁹ ALFREDO JOSÉ GONÇALVES, "MIGRAÇÕES INTERNAS: EVOLUÇÕES E DESAFIOS". DOSSIÉ DESENVOLVIMENTO RURAL, ESTUD. AV., 2001, 15 (43), DEZ.

nas últimas décadas. As causas estão relacionadas aos desastres naturais, à degradação ambiental causada pelo ser humano e às mudanças climáticas²⁰.

As causas da migração ambiental podem ser divididas em três grupos: (I) as antropogênicas, na qual há intervenção humana; (II) as naturais, que ocorrem sem a interferência humana; (III) e as mistas, que decorrem de causas que envolvem a ação humana e eventos ambientais, em graus diversos²¹. Como veremos a seguir, de forma sistematizada, no caso Warao pode-se aplicar a primeira causa, uma vez que a ação do homem desencadeou um processo de degradação dos territórios habitados por esses coletivos.

DÉCADA DE 60: A BARRAGEM DO RIO MANAMO

A degradação ambiental – um dos grandes males que acometem a humanidade – entrou na vida dos Warao nos anos 60, em forma de um projeto de desenvolvimento nacional implementado pelo governo venezuelano, quando este decidiu converter o Delta do Orinoco no principal fornecedor de produtos agroalimentares para a Guiana venezuelana, que estava passando por um processo de crescimento industrial e demográfico.

A solução parecia estar nos solos supostamente férteis do delta do Orinoco, que estavam sendo "desperdiçados" com as enchentes sazonais do rio Manamo – um dos principais afluentes do rio Orinoco. Os planejadores da Corporación Venezolana de Guayana (CVG) – um instituto autônomo criado para resolver a questão do desabastecimento – deduziram que, se certas partes fossem protegidas com barragens, milhares de hectares para agricultura intensiva seriam obtidos a baixo custo, resolvendo o problema de desabastecimento na Guiana. Essas obras possuíam caráter tecnocrático e desenvolvimentista, impostas pelo Poder Executivo segundo a tendência do momento, sem consultar a população indígena nem a campesina²².

²⁰ Andressa Zanco e Nilvânia Aparecida de Mello, "As migrações por questões ambientais: a busca pelo reconhecimento da categoria 'refugiados ambientais' e pela efetivação de direitos humanos", In: Congresso Internacional e III Seminário Nacional de Desenvolvimento Regional: migrações e mobilidades no cenário contemporâneo, Taquara, evento online, 2021.

²¹ Carolina de Abreu Batista Claro, "O conceito de refugiados ambientais", Em Coletânea sobre Refugiados Ambientais, organizado por Liliana Lyra Jubilut, Érika Pires Ramos, Carolina de Abreu Batista Claro, Fernanda de Salles Cavedon-Capdeville, Boa Vista, Editora da Universidade Federal de Roraima, 2018, 69-110.

²² Alvaro García-Castro y Dieter Heinen. "Planificando el Desastre Ecológico. El cierre del Caño Manamo en el Delta del Orinoco, Venezuela", Antropológica, 1999, Caracas: Fundación La Salle, Instituto Caribe de Antropología y Sociología (ICAS). 91, (31-56).

Logo após o início das obras, o primeiro fenômeno que afetou diretamente a vida dos Warao foi a súbita salinização dos canais e terras do Delta Inferior e os consequentes efeitos nocivos no abastecimento de água potável e nas colheitas, somado ao desaparecimento de parte da população de peixes, importante meio de subsistência dos habitantes das margens dos rios. No interior das ilhas, a acidificação progressiva eliminou as espécies de peixes e a perda de fertilidade do solo diminuiu os recursos vegetais. Esta situação provocou um êxodo de muitos habitantes da região afetada: Osibu Hana, o rio Morocoto, os do rio Dauwaha e outros, seguindo rio acima, em direção ao norte de Tucupita - capital do estado de Delta Amacuro - e à área desprotegida²³.

Em 1965, durante a primeira fase do projeto, foi construído um dique-estrada no rio Manamo que teve graves consequências ecológicas, paralisando a execução das fases seguintes. Em pouco tempo as consequências do desastre ambiental foram percebidas, pois afetaram diretamente o modo de vida dos Warao. Os fertilizantes químicos usados pelos produtores a fim de compensar a má qualidade do solo comprometeram o reservatório de água potável²⁴. Além disso, o descumprimento às leis partia de diversos segmentos e trazia diversos danos às populações dessas localidades: com a deterioração das condições ambientais, a diminuição das atividades produtivas e a invasão de suas terras por agricultores e pecuaristas criollos, intensificaram-se os deslocamentos de indígenas para as cidades²⁵.

Além das consequências ecológicas, que afetaram a subsistência Warao, o represamento do rio Manamo também fez com que a organização social do grupo fosse alterada, uma vez que a migração forçada para novos locais os levou a um processo de individualização, reafirmando, entre outros fatores, que a questão ambiental está intimamente ligada à questão social: alguns indígenas passaram a cultivar roças próprias, enquanto outros foram empregados por produtores não indígenas. Isso alterou os papéis desempenhados na unidade doméstica, tirando a centralidade do

²³ Ibid, p. 47.

²⁴ Marlise Rosa, A mobilidade Warao no Brasil e os modos de gestão de uma população em trânsito: reflexões a partir das experiências de Manaus-AM e de Belém-PA (Editora E-papers, 2021).

²⁵ ACNUR - Alto Comissariado da ONU para os refugiados, Os Warao no Brasil: contribuições da antropologia para a proteção de indígenas refugiados e migrantes, 2021.

sogro enquanto chefe e gerando trabalhadores individuais agrupados por famílias nucleares, dirigidas pelo genro²⁶.

DÉCADA DE 1970: O HOMEM WARAO COMO TRABALHADOR ASSALARIADO

Após as primeiras intervenções em território Warao, na década seguinte, mais precisamente em 1976 ocorreu uma enchente, atribuída, em grande medida, à impossibilidade das águas do Orinoco desagüarem no rio Manamo. Uma das consequências foi a morte de muitos Warao. Paralelamente a esse fato, foram criadas indústrias madeireiras em algumas áreas do delta do Orinoco, que contrataram membros das etnias que ali viviam para servir como mão de obra. Neste caso, além de toda descaracterização da forma de viver e utilizar os recursos naturais, há a inserção do homem Warao no mundo do trabalho capitalista, de forma completamente involuntária, uma vez que este é forçado a escolher entre uma vida sob risco e o desemprego, caracterizando um caso evidente de injustiça ambiental²⁷.

Nesse período detectam-se novos hábitos incorporados pelo "novo" homem Warao nesse novo ambiente de trabalho, pois havia pequenos comércios (bodegas) onde eram comercializadas mercadorias que haviam se tornado básicas: "instrumentos de trabalho, utensílios de pesca, roupa, alimentos, remédios, cigarros e tabaco²⁸. De modo geral, o trabalho nas diversas empresas extrativistas - madeireira, cultivo de arroz, palmito e outros - gerou uma certeza salarial entre os Warao e uma forte dependência local dos mercados de bens, serviços e trabalho informal. Depois de poucos anos (em 1979), a suspensão das atividades da indústria madeireira na região refletiu na qualidade de vida da grande maioria dos Warao da região²⁹.

Com o concomitante fechamento das empresas de arroz e a escassez de empregos na fábrica de palmito da região atingindo o maior nível histórico, a economia tradicional e o modo geral de vida foram severamente comprometidos. Assim, um número considerável de homens Warao, com suas respectivas famílias, ficou sem

²⁶ Marlise Rosa, A mobilidade Warao no Brasil e os modos de gestão de uma população em trânsito: reflexões a partir das experiências de Manaus-AM e de Belém-PA (Editora E-papers, 2021)

²⁷ Henri Acselrad, Cecilia Campello Amaral Mello e Gustavo das Neves Bezerra. "O que é justiça ambiental?", (Garamond, 2009).

²⁸ Cecilia A. Lafée-Wilbert & Werner Wilbert, La mujer Warao: de recolectora deltana a recolectora urbana (2008, No. 51), Instituto Caribe de Antropología y Sociología, 72.

²⁹ Cecilia A. Lafée-Wilbert, & Werner Wilbert, La mujer Warao: de recolectora deltana a recolectora urbana (2008, No. 51), Instituto Caribe de Antropología y Sociología.

trabalho e, conseqüentemente, sem recursos e sem acesso à terra e aos recursos naturais que essa oferece, em um claro exemplo de acesso desigual aos recursos ambientais³⁰. Como consequência, os Warao começaram a emigrar para centros urbanos como Barrancas e Tucupita entre os anos de 1979-80³¹.

DÉCADA DE 1980: RUMO À CIDADE GRANDE

Desprovidos de suas terras - e conseqüentemente dos recursos naturais que essas lhes ofereciam - e sem os empregos prometidos pelas grandes empresas, a década de 1980 representou para os Warao um período de adaptação forçada nas grandes cidades venezuelanas, pois nesse período o governo da Venezuela, a fim de evitar que os Warao provenientes dos *caños*³² se instalassem em áreas públicas das cidades de Barrancas e Tucupita, construiu uma infraestrutura que denominou *Yakarinyene*, a Casa Indígena. O objetivo era que esse local servisse de abrigo transitório para os indígenas enquanto realizavam suas diligências nos centros urbanos. É importante frisar que, nesse período, os Warao mantiveram o costume de ir à cidade para conseguir trabalho remunerado e retornavam às comunidades, onde o restante das famílias permaneciam, para levar mantimentos para estas³³. Contudo:

[...] em decorrência das condições precárias das comunidades, muitos Warao passaram a morar no local, ultrapassando sua capacidade, de 150 pessoas. Um censo realizado em 1980 detectou que 200 Warao viviam na Casa Indígena havia aproximadamente um ano e, apesar da situação de superlotação e insalubridade, recusavam-se a regressar para suas comunidades, por julgarem que as condições de vida eram piores³⁴.

Essas casas serviam apenas como refúgio transitório:

³⁰ Henri Acselrad, Cecília Campello Amaral Mello e Gustavo das Neves Bezerra. "O que é justiça ambiental?", (Garamond, 2009).

³¹ Cecília A. Lafée-Wilbert, & Werner Wilbert, La mujer Warao: de recolectora deltana a recolectora urbana (2008, No. 51), Instituto Caribe de Antropología y Sociología.

³² Braços menores dos rios da Venezuela; igarapés, onde os Warao habitavam. Ver Farias (2022).

³³ Cecília A. Lafée-Wilbert, & Werner Wilbert, La mujer Warao: de recolectora deltana a recolectora urbana (2008, No. 51), Instituto Caribe de Antropología y Sociología.

³⁴ ACNUR - Alto Comissariado da ONU para os refugiados, Os Warao no Brasil: contribuições da antropologia para a proteção de indígenas refugiados e migrantes, 2021, p. 16

a premissa política do governo era a relação entre as particularidades culturais, sociais e econômicas *versus* o habitat e a estrutura comunal para desenvolver as potencialidades produtivas de cada iniciativa. Entretanto, as ações muitas vezes privilegiaram a infraestrutura sobre o sócio-produtivo, uma vez que este autor cita a evidência de conflitos legais e de interesse com indígenas expulsos da organização, assim como debilidades no acompanhamento institucional³⁵.

DÉCADA DE 1990: O PETRÓLEO E A CÓLERA

Para as comunidades Warao que permaneceram em seus territórios, esse período trouxe duas novas situações: a instalação de uma indústria petroleira e um surto de cólera. A estatal Petróleos de Venezuela (PDVSA) firmou um acordo operacional com a multinacional British Petroleum, que passou a explorar petróleo em Pedernales, município localizado no estado de Delta Amacuro, em que a maioria da população é composta por indígenas Warao.

Em 1998, em decorrência de denúncias de irregularidades e contaminações nessas localidades, uma equipe da Comissão de Meio Ambiente e Planejamento Territorial do Senado venezuelano realizou uma visita às instalações da British Petroleum, constatando que as atividades petrolíferas vinham causando consideráveis danos ambientais na região. Havia, entre outras coisas, tanques com resíduos de perfuração dos poços de petróleo instalados a menos de 15 metros da margem do rio, violando as leis ambientais de proteção da cordilheira, dos rios e de outras fontes de água. Esses tanques eram rudimentares e poderiam transbordar a qualquer momento; além disso, havia manchas de resíduos no solo e na água, além de perda da vegetação³⁶. Além disso: "Dentre as atividades mais perturbadoras estão: um programa intenso de explosões sísmicas para detectar a localização do petróleo, vazamentos de óleo e o despejo de resíduos poluentes nas margens dos rios Manamito-Manamito (La Ladera-Los Playones), uma localidade adjacente às comunidades indígenas³⁷".

Em mais uma demonstração de danos ambientais do desenvolvimento, a presença da indústria petrolífera afetou o ambiente natural do delta do Orinoco, comprometeu os locais sagrados, perturbou comunidades antes isoladas, contaminou

³⁵ Alonso José Morillo Arapé, "Políticas de vivienda indígena en Venezuela (2007-2013): entre la dominación y neocolonización", Boletín Antropológico, 2019, Año 37, Julio - Diciembre 2019, N° 98. ISSN: 2542-3304. Universidad de Los Andes. pp.502-535, p. 507-508.

³⁶ Marlise Rosa, "A mobilidade Warao no Brasil e os modos de gestão de uma população em trânsito: reflexões a partir das experiências de Manaus-AM e de Belém-PA", 2020, Rio de Janeiro, 322 f.

³⁷ María Eugenia Bustamante y Alicia García Scarton, "Venezuela: British Petroleum en el delta del Orinoco", Ecología Política, 1999, N. 17, p. 120-127, p. 122.

habitats e recursos naturais associados à sobrevivência de grupos ancestrais, introduziu novas enfermidades, como o HIV, e proliferou doenças sexualmente transmissíveis, tuberculose e outras. Os Warao denunciaram, inclusive, a ocorrência de abusos e violência sexual contra crianças e mulheres por trabalhadores de companhias petrolíferas, a compra de meninas para a prostituição, o consumo problemático de bebidas alcoólicas e de drogas ilegais. Os padrões culturais, os padrões tradicionais de assentamento, o modo tradicional de agricultura e a alimentação, bem como o uso de recursos etnobotânicos para o tratamento de doenças, foram alterados³⁸.

A exploração petrolífera ocasionou ainda falta de água potável, destruição dos viveiros de camarões e outros peixes, adoecimento de adultos e crianças, contaminação do solo e dos rios e comprometimento das lavouras de subsistência. Em suma, essas instalações criaram uma série de transtornos socioambientais que contribuíram para que muitas famílias Warao deixassem as comunidades com destino às cidades³⁹.

Os impactos social e ambiental causados nesse contexto foram invisibilizados e não contabilizados pelas petroleiras, resultando de um "modelo político racista, com inegável desprezo étnico que, fundamentado na ideia de progresso e crescimento econômico, gera violência e destruição, aumentando a desigualdade social e a discriminação"⁴⁰. Sem emprego, muitas das comunidades que insistiam em permanecer em seus ancestrais territórios empreenderam um êxodo em grande escala em direção às principais cidades da Venezuela.

De forma ainda mais grave, nota-se a facilidade que as empresas encontraram para levar adiante seus projetos, mesmo com avisos claros de destruição ambiental e social:

empresas que recorrem a práticas ambientalmente danosas são integradas aos grandes circuitos de mercado, usufruindo de relações privilegiadas com o poder público, contando muitas vezes com todo um repertório de estímulos para a sua instalação e manutenção no território, ao contrário das populações

³⁸ Marlise Rosa, "A mobilidade Warao no Brasil e os modos de gestão de uma população em trânsito: reflexões a partir das experiências de Manaus-AM e de Belém-PA", 2020, Rio de Janeiro, 322 f.

³⁹ ACNUR - Alto Comissariado da ONU para os refugiados, Os Warao no Brasil: contribuições da antropologia para a proteção de indígenas refugiados e migrantes, 2021.

⁴⁰ Marlise Rosa, "A mobilidade Warao no Brasil e os modos de gestão de uma população em trânsito: reflexões a partir das experiências de Manaus-AM e de Belém-PA", 2020, Rio de Janeiro, 322 f. p. 86.

tradicionais... das quais a destruição de sua base de recursos costuma ficar invisível para as autoridades estatais⁴¹.

Sobre essa intervenção por parte de indústrias petrolíferas, os Warao alegam que, em nome do “progresso e do crescimento econômico”, não foram informados sobre as decisões que afetaram suas vidas e seu território. “Em outras palavras, nossa cultura desaparece para dar lugar à cultura do petróleo, assim aparece o álcool, a prostituição, as enfermidades raras, as violações, etc...” enfatiza uma liderança indígena⁴².

Outro agravante que contribuiu para o êxodo Warao para os centros urbanos foi um surto de cólera, que matou centenas de indígenas, levando um grande número de pessoas dessa etnia a procurar os espaços urbanos nas cidades de António Diaz, Tucupita, Barrancas, Caracas entre outras, ocasionando ciclos migratórios internos ou fixação nesses centros urbanos:

Entre 1991 e 1992, uma epidemia de cólera na Venezuela deixou um saldo de cerca de 500 mortos entre a população Warao. A mesma teve uma incidência 30,4 vezes maior nos grupos indígenas, sendo as etnias Wayú e Warao as mais afetadas. Além da morte de um número significativo de indígenas Warao da cidade de Mariusa - localizada na foz do rio de mesmo nome na margem esquerda do canal de navegação (Punta Mariusa) do Orinoco - outra consequência foi a fuga dos sobreviventes das comunidades afetadas para os centros urbanos de Tucupita e Barrancas⁴³.

O relatório do ACNUR (2021) informa que a comunidade de Mariusa, considerada uma das mais remotas de Delta Amacuro, foi praticamente devastada, pois, quando a epidemia começou, não havia clínicas médicas nem missões religiosas. Os curandeiros Warao tentaram cuidar dos doentes, mas foram infectados e também morreram. Apavoradas, as pessoas deixaram a comunidade em busca de tratamento médico nas cidades de Barrancas e Tucupita. A cólera, no imaginário popular, estava

⁴¹Henri Acselrad, Cecilia Campello Amaral Mello e Gustavo das Neves Bezerra. "O que é justiça ambiental?", (Garamond, 2009). p. 74-75.

⁴²Librada Pocatererra Paz, "Las mujeres indígenas frente a la actualidad petrolera: un estudio de caso La Ladera, Pueblo indígena Warao" (Diplomado Superior en Derechos Indígenas y Recursos Hidrocarburíferos, 2004),FLACSO Sede Ecuador, Quito, 125p., p. 75.

⁴³ Cecilia A. Lafée-Wilbert, & Werner Wilbert, La mujer Warao: de recolectora deltana a recolectora urbana (2008, No. 51), Instituto Caribe de Antropología y Sociología, p.89.

diretamente associada à pobreza, sendo tratada como um “problema indígena”, atribuído aos seus costumes e modos de vida.

Os pobres, sobretudo os indígenas, foram culpados pela epidemia, e tratados de maneira violenta e discriminatória. Um grupo de 260 Warao foi à cidade de Barrancas em busca de atendimento médico e foram postos em quarentena em uma escola. Ali, conseguiram o atendimento médico necessário, mas às custas de sua liberdade e dignidade humana: a polícia e a Guarda Nacional impediam os Warao de deixarem o local, sob a alegação de que se saíssem causariam a morte da população nacional – eles então se deram conta de que estavam sendo culpados pela transmissão da doença⁴⁴

Mesmo com a quarentena, os agentes do Estado acreditavam que a presença dos indígenas representava um risco para a saúde pública. Então, foram enviados à ilha de La Tortuga, sem consultar os Warao e a população da ilha, que triplicou. Sem espaço e sem estrutura para o excesso de pessoas, os Warao violaram as ordens governamentais e retornaram a Barrancas. Estima-se que, na ocasião, aproximadamente três mil indígenas se encontravam em Barrancas, fugindo da cólera. Em marcha, seguiram a pé para Tucupita, em busca de assistência do governo estadual (Ibidem).

Não há dúvida de que, no caso dos Warao, intromissões constantes da sociedade nacional e da cultura transnacional em seu ambiente natural, “produziram profundas mudanças em sua vida e foram as principais causas para eles deixarem de lado sua cultura tradicional para tentar se envolver cada mais tempo na sociedade nacional predominante⁴⁵.

PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XXI: DA VENEZUELA AO BRASIL

Com as intervenções em seus territórios, muitos Warao morreram e outros começaram a desenvolver ciclos de deslocamentos forçados, passando a viver em situações nada favoráveis em regiões urbanas, primeiramente na Venezuela e,

⁴⁴ ACNUR - Alto Comissariado da ONU para os refugiados, Os Warao no Brasil: contribuições da antropologia para a proteção de indígenas refugiados e migrantes, 2021.

⁴⁵ Cecilia A. Lafée-Wilbert, & Werner Wilbert, La mujer Warao: de recolectora deltana a recolectora urbana (2008, No. 51), Instituto Caribe de Antropología y Sociología, p.89.

atualmente, no Brasil e em outros países⁴⁶. Uma característica da mobilidade Warao é o deslocamento em grupos, geralmente entre familiares. Além disso, a migração de indígenas para as cidades transforma os papéis tradicionais de homens e mulheres⁴⁷.

Ao viver nos centros urbanos da Venezuela, na nova configuração familiar submetida ao mecanismo econômico da sociedade crioula, se seguiu a perda do poder administrativo que as mulheres possuíam sobre a distribuição de recursos, já que passaram a depender dos homens para o sustento familiar. “Enquanto o sistema capitalista está baseado na prosperidade do indivíduo, a economia tradicional Warao baseia-se na reciprocidade de bens e serviços e no bem-estar da família estendida.”⁴⁸ Ao viver em uma nova realidade, as mulheres converteram a habilidade que possuíam em coletar e distribuir alimentos em uma nova atividade urbana: a “coleta de dinheiro”. Elas associam o processo e a habilidade envolvida na prática de “pedir dinheiro” com as estratégias de que se valiam enquanto viviam entre os igarapés do baixo delta para colher seus alimentos⁴⁹, configurando outra mudança no aspecto social dos coletivos Warao.

Uma vez em solo brasileiro, as famílias Warao aos poucos deixaram as primeiras cidades às quais chegaram (Pacaraima e Boa Vista) e se mudaram - em busca de melhores condições de vida e de trabalho - para Manaus, no final do ano de 2016⁵⁰. No final de janeiro de 2017, alguns indígenas recém-chegados montaram um acampamento no terminal rodoviário, no bairro Flores, que passou a receber um número crescente de pessoas ao longo das semanas e meses⁵¹.

Atualmente, os Warao vivem em duas realidades: uns encontram-se nos abrigos mantidos pela Prefeitura Municipal de Manaus; e outras centenas vivem nos bairros periféricos da capital, onde tentam se adaptar à nova vida longe do restante da família

⁴⁶ Elis Alberta Ribeiro dos Santos, “Mobilizações transfronteiriças de indígenas Warao: Impactos do desenvolvimentismo moderno à vida indígena” (32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020), Universidade Estadual do Rio de Janeiro/UERJ.

⁴⁷ Ângela Sacchi Monagas, “União, luta, liberdade e resistência: as organizações de mulheres indígenas na Amazônia Brasileira” (Tese de Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Pernambuco, 2006), Recife.

⁴⁸ Cecilia A. Lafée-Wilbert, & Werner Wilbert, *La mujer Warao: de recolectora deltana a recolectora urbana* (2008, No. 51), Instituto Caribe de Antropología y Sociología, p. 155.

⁴⁹ *Ibid.*

⁵⁰ Rosa Patrícia Viana Pinto Farias, “A trajetória da mulher Warao do delta do Orinoco até Manaus: continuidades e rupturas”, (Dissertação de Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia; Universidade Federal do Amazonas, Manaus, AM, 2022).

⁵¹ Sandro Martins Santos; Maria Helena Ortolan e Sidney Antônio da Silva, “Índios imigrantes? ou ‘imigrantes índios’? Os Warao no Brasil e a necessidade de políticas migratórias indigenistas” (Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018), Brasília/DF.

e dos amigos que ficaram para trás, dos costumes e do meio ambiente (representado no banho de rio, na fruta fresca colhida da árvore, na pequena horta familiar, na caça e na pesca), dos remédios feitos a partir de elementos da natureza e do buriti, que os alimenta e lhes fornece material para o artesanato, um dos poucos pilares socioeconômicos, culturais e ambientais que lhes restou.

Ao se mudar para as grandes cidades – e portanto, já com características de indígenas urbanos – os homens passaram a exercer ocupações onde não eram exigidas qualificações, como o setor de serviços (ajudantes de pedreiro, descarregador, cuidador de propriedades) e as mulheres mantiveram a prática da confecção de artesanatos e passaram a exercer a prática da mendicância pelas ruas das cidades, como forma de ampliar a obtenção de recursos materiais⁵².

O fato de serem indígenas os torna invisibilizados. E essa invisibilização não contempla os inúmeros fatores que motivaram o deslocamento desses povos para o contexto urbano: expulsão dos territórios; crescimento das áreas urbanas e a consequente aproximação com as aldeias; busca por melhores condições de vida, como trabalho, educação formal e saúde⁵³.

No caso Warao, suas comunidades presentes hoje em Manaus passaram por uma dupla dinâmica de mobilidade aldeias-centros urbanos desde que saíram do estado do Delta Amacuro, no nordeste venezuelano: primeiro quando saíram de suas terras e migraram em direção aos centros urbanos da Venezuela; e depois quando migraram para os centros urbanos brasileiros – Pacaraima e Boa Vista (no estado de Roraima) e Manaus (no estado do Amazonas). Portanto, seu caso configura uma dupla adaptação⁵⁴.

Suas terras foram invadidas e seu cotidiano, alterado. Com o meio ambiente em que viviam destruído, essa etnia se viu obrigada a buscar novas formas de sobrevivência, entrando, de forma compulsória, em um processo migratório complexo. No caminho

⁵² Alvaro García-Castro y Dieter H. Heinen, "Las Cuatro Culturas Warao", *Tierra Firme*, Revista arbitrada de Historia y Ciencias Sociales, Caracas, n° 71, tercer trimestre (Julio-septiembre), 2000, 1-12.

⁵³ Antenor Ferreira Corrêa, "Indígenas em contexto urbano e identidade: uma colaboração artística com os Wapichana", *Universidade de Brasília (UnB) ARJ*, v. 8, n. 2 (jul./dez. 2021), 1-24.

⁵⁴ Rosa Patrícia Viana Pinto Farias, "A trajetória da mulher Warao do delta do Orinoco até Manaus: continuidades e rupturas", (Dissertação de Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia; Universidade Federal do Amazonas, Manaus, AM, 2022).

percorrido, houve perdas materiais, sociais, econômicas e culturais, além da urgência em se adaptar a novos lugares, pessoas e culturas⁵⁵.

Em meio a essa trajetória, uma das principais preocupações para os membros dessa etnia era conseguir trabalho para seu sustento e para ajudar os demais membros de suas famílias que permaneceram na Venezuela. E apesar de todas as dificuldades, mesmo quando ainda estavam abrigados no terminal rodoviário de Manaus (na zona Centro-Oeste), por onde chegavam, eram comuns as cenas de mulheres Warao confeccionando redes, cestarias, chapéus e adornos visando a geração de renda e o consequente sustento da família. Ao serem realocados em abrigos, o artesanato continuou fazendo parte do cotidiano dos Warao e sua fabricação variou um pouco: com a inicial dificuldade em conseguir a fibra do buriti, miçangas de plásticos, linhas, tecidos, agulhas e outros materiais doados por instituições substituíram a milenar matéria-prima, mas a prática e a tradição permaneceram⁵⁶.

Do ponto de vista cultural, a arte ancestral feita com a fibra de buriti parece ser um dos poucos traços da cultura Warao que sobreviveu ao processo de migração ao qual esteve sujeita essa etnia. Além disso, o artesanato vem herdando a função de geração de renda e preservação da memória e da cultura Warao em Manaus. Ao relatar o percurso dessa etnia e sua permanência na capital amazonense sob a perspectiva da História Ambiental deve-se ter em mente que escrever histórias ambientais frequentemente significa escrever advertências, histórias sobre consequências inesperadas, sobre destruição, sobre declínio⁵⁷.

Ressalta-se que o saber ambiental reconhece a identidade de cada povo, além de sua cosmologia e de seu saber tradicional como parte de suas formas culturais de apropriação dos recursos naturais⁵⁸. Portanto, faz-se necessário abordar a continuidade da dinâmica Warao-natureza na questão artesanal, em uma nova realidade: fora de seu milenar território; longe de casa; em um país diferente, em que a fibra já vem pronta para ser trançada; em que não há expedições de longos dias no

⁵⁵ Ibid.

⁵⁶ Rosa Patrícia Viana Pinto Farias, "A trajetória da mulher Warao do delta do Orinoco até Manaus: continuidades e rupturas", (Dissertação de Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia; Universidade Federal do Amazonas, Manaus, AM, 2022).

⁵⁷ Verena Winiwater, "Abordagens sobre a História Ambiental: um guia de campo para os seus conceitos", *Abordagens Geográficas*, volume 1, número 1 (out.nov.), 2010, 1-21.

⁵⁸ Enrique Leff, *Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder*. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 2001.

manguezal; não há o trabalho em equipe exigido na coleta do buriti; não há festas e nem comemorações devido à colheita farta. Uma nova dinâmica manifesta-se nessa questão e junto com ela, a necessidade de novas abordagens nos âmbitos social, econômico, cultural e ambiental desta etnia em terras manauaras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho demonstrou o modo de viver da etnia venezuelana Warao em seus aspectos socioeconômicos e culturais, além de salientar a relação de dependência que esse povo possuía em relação à natureza e os recursos que esta lhe oferecia, enquanto viviam em seus territórios, no nordeste venezuelano. Tal relação baseava-se no respeito com o qual esses indivíduos caçavam, pescavam e coletavam os recursos oferecidos, de forma sustentável, preservando a natureza para as gerações seguintes.

Além desse retorno aos principais aspectos do modo de viver Warao, o texto apontou os fatores, todos causados pela ação humana, que culminaram, a partir da década de 1960, no abandono gradual e ao mesmo tempo contínuo de seus territórios deltanos, em uma dinâmica de mobilidade inédita e de grandes proporções. O tormento dessa etnia deu-se sob várias formas: construção de barragem em um dos principais rios da região - o Manamo - que provocou a morte de parte considerável da fauna e da flora da região, além da contaminação de fontes de água doce e da utilização de agrotóxicos no solo.

Nas décadas seguintes vieram as madeiras, as plantações de arroz e de palmito. E junto com elas veio um misto de perda de territórios e a inserção no mundo do trabalho capitalista. Ademais, na última década do século XX deu-se a instalação de indústrias petrolíferas, com toda a sua contaminação, além de um surto de cólera, do qual os Warao foram acusados de serem os disseminadores.

O início do século XXI representou para os Warao um esforço de adaptação à cidade grande, longe da natureza, sem emprego, sem comida e sem segurança. Com a crise generalizada das primeiras décadas desse século, a opção que representou maiores chances de sobrevivência foi se unir à grande quantidade de pessoas da

sociedade nacional e emigrar para outros países, como o Brasil (de forma mais acentuada para a região Norte do país).

O caso Warao é mais um caso que contraria o senso comum, que afirma que a degradação ambiental afeta a todos indiferenciadamente: enquanto as grandes indústrias que se instalaram em seus territórios prosperaram, os indivíduos dessa etnia tiveram que conviver com a perda de seus territórios, vender sua força de trabalho por míseros soldos e se adaptar a novos locais, em busca de sobrevivência material, social e cultural. Além desses fatores, a mobilidade alterou os papéis dos homens e das mulheres dessas comunidades, além da adaptação forçada a novos ambientes como tática de sobrevivência e a mudança nas formas de coleta, em que alimentos coletados deram lugar ao dinheiro recolhido nas ruas das grandes cidades.

Atualmente, centenas de Warao permanecem em solo manauara, ou seja, estão em um novo país, onde não possuem acesso à natureza como tinham em sua antiga realidade, enfrentam dificuldade para entrar no mercado de trabalho, além de enfrentar situações envolvendo desprezo, desconfiança e xenofobia por parte dos nativos, em doses amplificadas de ignorância e visões estereotipadas. Sua dinâmica de mobilidade e a atual permanência na capital amazonense ainda carecem de maior atenção e podem auxiliar, dentre outras formas, na desconstrução de uma visão fragmentada - passando do pensamento de que o Warao está aqui porque quer - à visão holística de que se trata de indivíduos que perderam seus territórios e com isso, seu modo de subsistência, assim como tantos outros ao redor do mundo.

REFERÊNCIAS

ACNUR - Alto Comissariado da ONU para os refugiados. *Os Warao no Brasil: contribuições da antropologia para a proteção de indígenas refugiados e migrantes*. (Brasília, DF, 2021).

Bustamante, María Eugenia y Scarton, Alicia García. "Venezuela: British Petroleum en el delta del Orinoco". *Ecología Política* n° 17 (1999).

Claro, Carolina de Abreu Batista. "O conceito de refugiados ambientais". Em: *Coletânea sobre Refugiados Ambientais*, organizado por Liliana Lyra Jubilit, Érika Pires Ramos,

Carolina de Abreu Batista Claro, Fernanda de Salles Cavedon-Capdeville. (Boa Vista, Editora da Universidade Federal de Roraima, 2018).

Farias, Rosa Patrícia Viana Pinto. "A trajetória da mulher Warao do delta do Orinoco até Manaus: continuidades e rupturas". Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Amazonas, 2022.

García-Castro, Alvaro. "Los warao como desplazados urbanos en Venezuela y Brasil". *Revista EntreRios* v. 3, n. 02 (2020).

García-Castro, Alvaro. "Mendicidad indígena: Los Warao Urbanos". *Boletín Antropológico*, N° 48 (Enero-Abril de 2000).

García-Castro, Álvaro y Heinen, Dieter H. "Planificando el Desastre Ecológico. El cierre del Caño Manamo en el Delta del Orinoco, Venezuela". En: *Antropológica*, n° 91, 1999. Caracas (Fundación La Salle). Instituto Caribe de Antropología y Sociología (ICAS).

García-Castro, Alvaro y Heinen, Dieter H. "Las Cuatro Culturas Warao". *Tierra Firme. Revista arbitrada de Historia y Ciencias Sociales*. Caracas, n° 71, (Julio-septiembre de 2000).

Gonçalves, Alfredo José. "Migrações Internas: evoluções e desafios". *Dossiê Desenvolvimento Rural. Estudos Avançados*, n° 15 (Dezembro de 2001).

Governo do Brasil. Ministério Público Federal/Procuradoria Geral da República. Parecer Técnico/SEAP/6ª CCR/PFDC n° 208/2017, de 14 de março de 2017. "Sobre a situação dos indígenas da etnia Warao, da região do delta do Orinoco, nas cidades de Boa Vista e Pacaraima".

Heinen, Dieter H. y Ruddle, Kenneth. "Ecology, ritual and economic organization in the distribution of palm starch among the Warao of the Orinoco Delta". *Journal of Anthropological Research* 30, n° 2 (1974).

Ingles, Paulo. Globalização, mobilidade humana e criatividade: desafiando categorias a partir de três casos de migração forçada em Angola. Em: Ana Maria Vasconcelos e Tuília Botega (orgs.), *Política Migratória e o paradoxo da globalização*. (Porto Alegre, EDIPUCRS, 2015).

Lafée, Cecilia Ayla y Wilbert Werner. *Hijas de la luna: enculturación femenina entre los Waraos*. (Caracas, Fundación La Salle de Ciencias Naturales, Instituto Caribe de Antropología y Sociología, 2001).

Lafée-Wilbert, Cecilia Ayala y Wilbert, Werner. *La mujer Warao: de recolectora deltana a recolectora urbana*. (Caracas, Fundación La Salle de Ciencias Naturales, Instituto Caribe de Antropología y Sociología, 2008).

Leff, Enrique. *Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder*. (Petrópolis. Rio de Janeiro, Vozes, 2001).

Monagas, Ângela Sacchi. "União, luta, liberdade e resistência: as organizações de mulheres indígenas na Amazônia Brasileira". Tese de Doutorado. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2006.

Pocaterra Paz, Librada. "Las mujeres indígenas frente a la actualidad petrolera: un estudio de caso La Ladera, Pueblo indígena Warao". Diplomado Superior en Derechos Indígenas y Recursos Hidrocarburíferos, Sede Ecuador, Quito, 2004.

Rosa, Marlise. "A mobilidade Warao no Brasil e os modos de gestão de uma população em trânsito: reflexões a partir das experiências de Manaus-AM e de Belém-PA". Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2020.

Rosa, Marlise. *A mobilidade Warao no Brasil e os modos de gestão de uma população em trânsito: reflexões a partir das experiências de Manaus-AM e de Belém-PA*. (Rio de Janeiro, E-papers, 2021).

Salmón, Enrique. "Kincetric ecology: indigenous perceptions of the human-nature relationship". *Ecological Applications*, v. 10, n. 5 (2000).

Santos, Elis Alberta Ribeiro dos. "Mobilizações transfronteiriças de indígenas Warao: Impactos do desenvolvimentismo moderno à vida indígena" (32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020). Universidade Estadual do Rio de Janeiro/UERJ.

Souza, Júlia Henriques. "Janokos brasileiros: uma análise da imigração dos Waraos para o Brasil". Trabalho de Conclusão de Curso (Relações Internacionais). Universidade de Brasília, 2018.

Souza et al., Ana Hilda. "A relação dos indígenas com a natureza como contribuição à sustentabilidade ambiental: uma revisão da literatura". *Revista Destaques Acadêmicos*. Vol. 7, nº 2 (2015).

Tavares, Jáise Marien Fraxe. *O Ecofeminismo na Amazônia: relato de experiência da Comunidade São Francisco de Assis, Careiro da Várzea, Amazonas, Brasil*. (Manaus, EDUA, 2021).

Torres, Iraildes Caldas e Dias, Naia Maria Guerreiro. "Entre teçumes, argila e grafismos: a expressão identitária de mulheres indígenas e não indígenas no artesanato amazônico". *Tessituras*. v. 10, nº 2 (julho-dezembro de 2022).

Winiwatrer, Verena. "Abordagens sobre a História Ambiental: um guia de campo para os seus conceitos". *Abordagens Geográficas*, volume 1, nº 1 (outubro-novembro de 2010).

Worster, Donald. "Para fazer História Ambiental". *Revista Estudos Históricos*, vol. 4. nº 8, (1991).

Zanco, Andressa e Mello, Nilvânia Aparecida de. "As migrações por questões ambientais: a busca pelo reconhecimento da categoria 'refugiados ambientais' e pela efetivação de direitos humanos". Em: Congresso Internacional e III Seminário Nacional de

Desenvolvimento Regional: migrações e mobilidades no cenário contemporâneo. Taquara. Evento online. 2021.

Socio-Environmental Issues in the Dynamics of Warao Mobility from Venezuela to Manaus-AM

ABSTRACT

The aim of this work was to describe the socio-environmental aspects that favored the mobility process practiced by the Warao indigenous Venezuelan ethnic group, from the Orinoco Delta in northeastern Venezuela to Manaus, capital of the state of Amazonas, in northern Brazil. The methodology used in this research was the deductive method; in terms of means, the research used bibliographic and documentary productions; in terms of ends, the research was qualitative. The conclusion reached was that the primary factor driving the departure of many Warao from their ancient lands was the environmental impact of government and private company interventions. The consequences of these interventions went beyond the environmental sphere and influenced the social, economic and cultural issues perceived by the remaining Warao in Manaus.

Keywords: warao mobility; environment; Venezuela; Manaus.

Recibido: 19/01/2024
Aprovado: 08/05/2024